



ENSINO COLABORATIVO: UMA PRÁTICA QUE PROMOVE À INCLUSÃO

Autor (1): Rita Souza de Castro; Orientador (2): Celeste Azulay Kelman

Autor (1): Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro- ritacastroz@hotmail.com

Orientador (2): Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)- celeste@kelman.com.br

Resumo

O presente trabalho representa uma atividade que foi proposta no curso que tem por título “Formação de Professores para a Inclusão do Público-alvo da Educação Especial – refletindo, planejando e agindo” em seu 3º Ciclo de Formação do Observatório de Educação Especial do Rio de Janeiro (OEERJ), em 2015. A experiência aqui descrita teve como objetivo geral analisar algumas considerações sobre ensino colaborativo fazendo um contraponto com algumas práticas pedagógicas realizadas em uma unidade escolar da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Essa pesquisa tem como objetivo específico levar os professores à reflexão sobre o planejamento escolar e suas práticas, despertando a atenção ao ensino colaborativo. Foram realizadas nessa escola pública desse referido município, através de uma reunião pedagógica, entrevistas com alguns docentes que aceitaram participar desse trabalho. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, foi apresentado Index para Inclusão como instrumento mediador, professores reconheceram as características do Index para Inclusão, foram-lhes apresentadas perguntas que nortearam a entrevista, em seguida quando os professores terminaram de respondê-las, confrontaram-nas e de forma reflexiva, criou-se no interior da escola um espaço dialógico, o qual não pode faltar nas escolas que buscam eliminar barreiras à aprendizagem. Os professores envolvidos perceberam que práticas pedagógicas precisam sofrer transformação, para que o sujeito possa, mesmo com limitações, avançar e desenvolver habilidades. Portanto, se faz necessário uma ressignificação das práticas pedagógicas dos profissionais, o trabalho em equipe precisa ser uma prática constante no espaço escolar.

Palavras-chave: ensino colaborativo, inclusão escolar, pesquisa qualitativa.

Introdução

Atualmente, o espaço escolar se tornou um lócus de infinitas inquietações, que tem gerado debates, conferências, lutas, um lugar de constantes entraves e descobertas, por ser um espaço que está vivenciando o processo da inclusão escolar. Sujeitos que outrora eram estigmatizados, hoje, ocupam posição no ambiente escolar de fato e de direito, suas diferenças ou necessidades estão sendo, oportunamente, tratadas mediante a construção de uma práxis pedagógica que ofereça satisfatoriamente sucesso na aprendizagem.

Essa pesquisa é de cunho qualitativo e tem como objetivo geral analisar algumas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

considerações sobre o ensino coletivo/colaborativo e o planejamento junto ao corpo docente de uma escola pública do ensino fundamental da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro fazendo um contraponto com algumas práticas pedagógicas realizadas pelos profissionais nessa escola, com o objetivo específico de levar os professores a refletir sobre o planejamento escolar e suas práticas, despertando à atenção ao ensino colaborativo.

Esse trabalho tem como etapas metodológicas: (a) levantamentos bibliográficos; (b) entrevistas com professores sobre suas práticas pedagógicas realizadas na escola durante uma reunião pedagógica; (c) debates; etc.

Esse projeto de pesquisa foi construído como atividade de participação do 3º Ciclo de Formação do Observatório de Educação Especial do Rio de Janeiro (OEERJ), em 2015. O curso, intitulado “Formação de Professores para a Inclusão do Público-alvo da Educação Especial – refletindo, planejando e agindo” foi uma atividade de extensão de formação continuada oferecido pelo Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Diversidade em Educação-LaPEADE.

Através da visita e entrevistas realizadas em uma unidade escolar do ensino fundamental da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, lançaram mãos de algumas perguntas do Index para Inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2011), onde a abordagem foi “Os professores planejam, ensinam e revisam juntos”, teceram-se algumas indagações e constatações que abrangem a realidade escolar no município. As questões trazem um enfoque específico de como são realizados os planejamentos das atividades pedagógicas que estarão sendo desenvolvidas em sala de aula ou no espaço escolar, envolvendo professores e a comunidade afim.

A sociedade contemporânea tem buscado se adequar às mudanças, a equipe pedagógica que acompanha as transformações sociais delinea caminhos pedagógicos que irão contemplar o saber e o fazer do docente, assim como, os demais profissionais das escolas têm buscado formas de se atualizarem, e juntos, criarem estratégias para um trabalho coletivo/colaborativo conquistando resultados satisfatórios. Mendes (2006) ressalta que “o ensino colaborativo ou co-ensino, é um modelo de prestação de serviço de educação especial no qual um educador comum e um educador especial dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar (...)” percebem-se através desse autor que esses professores planejam juntos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Essa pesquisa é relevante por dar ênfase à prática contínua do ensino colaborativo, por fazer referências ao trabalho realizado em equipe e demonstrar através das entrevistas que o grupo de profissionais que usa essa prática obtém bons resultados.

Metodologia

A presente pesquisa configura um relato de experiência, faz parte de uma atividade proposta de participação do 3º Ciclo de Formação do Observatório de Educação Especial do Rio de Janeiro (OEERJ), em 2015. O curso, intitulado “Formação de Professores para a Inclusão do Público-alvo da Educação Especial – refletindo, planejando e agindo” foi uma atividade de extensão de formação continuada.

É uma pesquisa qualitativa, cuja natureza dialoga com pressupostos da pesquisa-ação onde participantes e pesquisadores estarão de forma coletiva identificando o problema. Thiollent (1994, p.14) apud Braun (2014, p. 93) vem referenciando a pesquisa-ação como social, com base intervencionista que é concebida a partir da realidade, buscando ação, problematização e resolução de problemas, coletivamente, uma vez que os integrantes da pesquisa são participativos, tanto o pesquisador quanto os envolvidos no problema estudado.

Esse tipo de pesquisa visa ações para cooperar com a realidade questionada, tendo como finalidade sua transformação.

Como procedimentos metodológicos foram realizados: (a) levantamentos bibliográficos de livros e artigos que tratam do tema; (b) visita a escola; (c) entrevistas; (d) debate, dentre outras formas de geração de dados.

Durante a reunião pedagógica da escola pública da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro foi apresentado para os professores o Index para Inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2011) como instrumento mediador e como referência teórica que tem contribuído com os questionamentos que permeiam o espaço escolar acerca da inclusão/práticas inclusivas. Aceitaram participar das entrevistas três professores e um estagiário, que responderam oito perguntas, que estão no Index para Inclusão. Sendo um professor de Matemática, outro de Educação Infantil, um de Sala de Recursos Multifuncionais e um estagiário da Classe Especial que estuda no oitavo período de Matemática da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ. Acharam bem provocante e propício estender a pesquisa ao estagiário, pois tinham a intenção de saber qual é o pensamento de um futuro professor da Educação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Básica no que tange ao aspecto organizacional dos docentes focando sua práxis e planejamento.

Após os professores reconhecerem as características do Index para Inclusão, foram-lhes apresentadas perguntas que nortearam a entrevista. As perguntas do Index para Inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2011, p.167) que foram usadas estão descritas abaixo:

- d) Os professores planejam as atividades de modo a fazer uso dos conhecimentos e habilidades uns dos outros?*
- e) Os professores usam ensino colaborativo como uma oportunidade de aprender uns com os outros?*
- k) Os professores filmam partes das aulas, uns dos outros e reveem-nas juntos?*
- m) Os professores modificam seu ensino em resposta ao retorno de seus colegas?*
- p) Os professores que trabalham na mesma classe compartilham a responsabilidade por assegurar que todas as crianças participem?*
- r) Os profissionais se sentem seguros de desafiar o pensamento uns dos outros sobre a origem dos problemas?*
- s) Os profissionais encorajam uns aos outros a experimentar novas abordagens e atividades?*
- t) Os profissionais consideram seus sentimentos sobre o aprendizado de uma criança e como eles podem atrapalhar ou ajudar na remoção das barreiras para aquela criança?*

Quando os professores terminaram de responder as perguntas, confrontaram-nas e, de forma reflexiva, se deu o diálogo identificando a realidade pedagógica que envolve alguns docentes da referida escola.

Resultados e discussão

As respostas pertinentes à entrevista representaram a realidade de algumas práticas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pedagógicas da unidade escolar visitada, foram identificados os problemas, as causas dos mesmos e a ausência de perspectivas de soluções. Ao questionar sobre o uso do ensino colaborativo como oportunidades de aprender uns com os outros, a professora da Educação Infantil foi enfática ao dizer:

Não. Porque o horário destinado ao planejamento não está estruturado de forma a oportunizar o encontro simultâneo dos profissionais. As trocas de informações e sugestões ocorrem de maneira superficial nos corredores da escola, nos grupos de whatsapp e nos conselhos de classes bimestrais.

A professora da Sala de Recursos Multifuncionais afirmou:

Não. Pois o atual calendário escolar contempla poucos momentos de trocas de experiências, visto que o horário de planejamento não é comum a todos os profissionais.

Ao perguntar se os professores filmam suas aulas para depois revê-las juntos, o professor de Matemática respondeu:

Não! Não existe estrutura para esse tipo de trabalho, pois acho que o próprio sistema tinha que fornecer e não fornece!

Ao serem questionados se os professores que trabalham na mesma classe compartilham responsabilidade por assegurar que todas as crianças participem o estagiário da Educação Especial da UFRRJ, respondeu:

Os profissionais estão mais preocupados com o ensino de suas próprias disciplinas que acabam deixando de lado a interdisciplinaridade!

O Ensino Colaborativo - através da troca de experiências, da criação de um espaço dialógico na escola, do planejamento em grupo, da ressignificação da prática pedagógica nas discussões – permite que saberes tragam resultados que contribuirão para melhorar a metodologia de ensino, agregando novos conhecimentos. Assim, passa a ser uma estratégia possível que favorecerá a construção da escola realmente inclusiva.

A legislação vigente também corrobora a busca de uma prática de ensino que valorize



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

a colaboração entre os profissionais envolvidos. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica no Art.2º inciso VII mencionam a importância do desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

Essa atuação colaborativa é também mencionada nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2002) em seu Art. 8º inciso IV sobre os serviços de apoio pedagógico especializado, realizado, nas classes comuns, mediante atuação colaborativa de professor especializado em educação especial.

CARVALHO (2009) aponta:

“(…) há necessidade de criarmos espaços dialógicos na escola, para que dúvidas, medos e a ressignificação da prática pedagógica possam ser examinados em equipe, como rotina de trabalho. Parece que a apropriação de informações, as trocas de idéias, a verbalização dos sentimentos, sem culpas constituem “caminhos” para as mudanças de atitudes”.

O mesmo autor vem afirmando que no âmbito da escola, em termos gerais, também se erguem inúmeras barreiras, incluindo a “solidão” em que trabalha a maioria dos professores. Com esta observação vem o alerta para a importância do trabalho em equipe, de modo que seja institucionalizado um espaço permanente para discussão do trabalho pedagógico, no qual se estude aprendizagem e desenvolvimento humano, além de analisar casos de alunos que apresentam características mais específicas.

O ensino colaborativo, não só aumenta as possibilidades dentro da sala de aula dentro do contexto escolar, como também os alunos são beneficiados pela diversidade de estratégias que o planejamento em conjunto permite. Essa ação pode ser uma opção de trabalho que motivará os profissionais de educação, fazendo com que seus anseios sejam compartilhados, buscando mudanças para esse cenário que Carvalho descreveu como “solidão” que abarca os professores dentro das instituições de ensino.

Carvalho (2014) faz ressalvas e provoca a leitura dos seguintes documentos: Declaração Mundial para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994), pois, a autora salienta que poucos educadores examinaram esses dois textos, discutindo-os em equipe em busca de subsídios para o aprimoramento de suas práticas. A autora chegou a essa constatação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

através de várias pesquisas, que foram realizadas com professores, complementa explicando que muitos não possuem oportunidades de se reunirem nas escolas que trabalham e por isso, não leem e nem discutem textos relevantes, produzidos em conferências internacionais.

Essa constatação também é corroborada através da resposta da professora que participou da entrevista, quando foi feito o questionamento acerca da segurança dos profissionais em desafiar o pensamento uns dos outros sobre a origem dos problemas, a resposta foi a seguinte:

Não. Ainda prevalece um pensamento ultraconservador por parte dos profissionais, incluindo toda a equipe escolar, inibindo o desafio, além da falta de embasamento teórico sobre os novos questionamentos que permeiam a sociedade contemporânea.

A professora da Sala de Recursos multifuncionais deu a seguinte resposta:

De maneira geral, os professores tem capacidade de ouvir /aceitar opiniões diferentes que as suas. Embora, o profissional sinta-se seguro em fazer questionamentos, nem sempre as suas questões são bem aceitas, muitas vezes, as pessoas levam para o lado pessoal e não veem como uma questão profissional. Muitos chegam até mesmo dizer que o colega quer sobressair sobre o grupo.

Alguns profissionais, da escola pesquisada, não têm buscado atualizações que possam aprimorar sua prática em sala de aula, ou até mesmo, esclarecimentos sobre esse universo amplo que permeia a educação especial e o processo inclusivo. As indagações dos colegas de trabalho sobre o sistema escolar inclusivo envolvem toda a atmosfera do corpo docente, despertando dúvidas, anseios, resistência, mas se faz necessário compartilhar essas inquietações, transformando o espaço escolar em um local de trocas.

Carvalho (2014) ressalta que o dia a dia do professor tem que ser permeado por uma avaliação crítica e compartilhada, a autora completa afirmando que a questão é valorizar “espaços” de discussão, estabelecendo-os nas escolas como uma atividade sistemática prevista



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

no projeto político-pedagógico.

Ao perguntar à professora participante da pesquisa se a observação mútua seguida de reflexão compartilhada é usada para aprimorar o ensino e a aprendizagem, a resposta foi que “sim, na medida do possível.” A professora destacou que mesmo que as trocas de experiências ocorram de forma esporádica, essas trocas geram debates sobre o tema em questão, permitem mudanças nas práticas pedagógicas e auxiliam o ensino-aprendizagem.

Ao questionar o professor de Matemática, se os professores modificam seu ensino em resposta ao retorno dos seus colegas, ele respondeu:

Nunca, pois todos apenas se importam com o que ele próprio precisa passar, não existindo a interação, a junção e a troca de conhecimentos.

Effgen et al (2012) relata o currículo como um dos elementos centrais no processo do conhecimento, destaca que através do processo inclusivo, o currículo vem ganhando notoriedade, precisa ser pensado e discutido, para que realmente consiga ter uma escola de qualidade para todos.

A heterogeneidade dos alunos, principalmente os alunos que possuem necessidades educacionais especiais, traz a necessidade de adaptação do currículo. Acreditam ser desnecessária a criação de um currículo diferente ou paralelo para atender esse público. O mesmo currículo deve ser utilizado para todos. Sendo assim, a equipe pedagógica da escola elabora adaptações curriculares para atender esse sujeito. De modo geral, as adaptações curriculares envolvem mudanças na organização do currículo, nos objetivos, nas metodologias, na estratégia de avaliação, permitindo o atendimento ao aluno que possui necessidade especial.

Como então fomentar essas questões sobre o currículo? Como planejar um currículo com as adaptações curriculares? É viável o docente planejar o currículo sozinho? Essas questões podem ser resolvidas através de uma parceria, quando professores, coordenadores, diretores e funcionários se comprometem a exercer suas funções em conjunto, realizando um trabalho em equipe.

É importante buscar a parceria através do ensino colaborativo, a qual abrange questões



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que envolvem transformações das diversas naturezas: (a) estrutura organizacional da escola; (b) atitude do professor; (c) estratégias pedagógicas e administrativas de ensino; (d) apoio dos alunos e toda a comunidade escolar.

Refletir acerca das concepções individuais sobre ensino e aprendizagem e propor nessa discussão uma avaliação constante da prática pedagógica, a fim de que a mesma possa estar sendo constantemente transformada.

Essa postura implica também em novos modelos de formação inicial e continuada dos professores do ensino comum e especial, com vias de prepará-los para atuarem em colaboração. Essa conjuntura vai de encontro à situação vivida atualmente, pois os professores do ensino regular não contam com habilidades para desenvolverem o trabalho pedagógico com alunos deficientes e os professores de ensino especial, uma vez preparados para o ensino especializado ficam em ambiente segregado centrado nas dificuldades dos alunos, não contam com suas habilidades para desenvolver seu trabalho pedagógico entre os alunos do ensino regular e auxiliar os professores das turmas comuns.

A adesão ao ensino colaborativo irá oportunizar aos profissionais esclarecimentos sobre os documentos que norteiam a educação do país, reflexões e questionamentos sobre aspectos que envolvem o processo ensino-aprendizagem, mudanças nas práticas pedagógicas, discussão e trocas de informações do cenário educacional brasileiro. O professor estará se atualizando de forma constante e essa ação terá uma função motivadora no campo de atuação desse profissional.

E finalizando a entrevista foi feita a seguinte pergunta: Os profissionais consideram seus sentimentos sobre o aprendizado de uma criança e como eles podem atrapalhar ou ajudar na remoção das barreiras para aquela criança? Segue a resposta dada pela professora da Educação Infantil:

Sim, porém, nos dias atuais, a educação com sua base meritocrática, cobra empenhos estatísticos dos profissionais e alunos, dificultando muito o trabalho afetivo-emocional em sala de aula. “É sabido por todos que a aprendizagem está diretamente ligada à afetividade, o que torna a empatia um elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A professora da Sala de Recursos respondeu da seguinte forma:

Os professores consideram o aspecto afetivo relevante para o processo ensino-aprendizagem, embora procurem agir de forma equilibrada, observando e avaliando todas as vivências do aluno em sala de aula, suas interações com seus pares no ambiente escolar.

O estagiário de Educação Especial respondeu:

Sim, os profissionais que mantêm uma boa relação com seus alunos são em geral, os que têm as turmas bem incentivadas alcançando melhores resultados!

Conclusão

Ao concluir esse trabalho constatou-se que os professores, suas práticas pedagógicas e a estrutura organizacional-administrativa da escola configuram como barreiras à aprendizagem de qualquer aluno, não só os que possuem necessidades educacionais especiais, mas de todos. É como se tivesse um entrave dentro do sistema escolar inibindo o professor de “voar” em busca de novos conhecimentos, no entanto, observaram-se exceções. Alguns professores precisam ser despertados da inércia motivacional em que se encontra dentro do ambiente escolar, se abrir para o novo, buscar mudanças, o trabalho em equipe desperta esse novo olhar. Reconhecer a responsabilidade que é formar um sujeito, transmiti-lhe valores, conceitos, mostrar para os alunos que possuem necessidades especiais que eles podem exercer a cidadania como os demais. Para tal, necessário se faz que os docentes estejam abertos a traçar novas metas, buscar diferentes caminhos, reestruturar suas habilidades, mudar posturas, estratégias, identificar suas competências e alargar seus horizontes, permitirá ao professor, rupturas que construirá um espaço escolar menos excludente. Essas mudanças poderão ser a partir de um ensino colaborativo/coletivo, a partir da criação de um espaço dialógico no interior da escola, que fluirá nos profissionais características criativas, críticas, transformadoras, éticas e culturais.

A prática do ensino colaborativo foi reconhecida na entrevista que contribui para o planejamento das aulas, porém os professores não compartilham tempo simultâneo de planejamento com os demais colegas na unidade escolar que trabalham. Mesmo ocorrendo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

uma troca esporádica de conhecimentos e experiências, foi confirmado na pesquisa que se obtém melhores resultados nas aulas e no processo ensino-aprendizagem quando compartilham esse momento juntos. Portanto, a escola não pode abrir mão de ressignificar esse espaço tornando-o facilitador da aprendizagem e um local de trocas de saberes. Mas esse espaço de ações colaborativas só será possível com a participação efetiva e a conscientização de toda equipe pedagógica e comunidade escolar.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Lei 9394/96. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

_____. **As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 07 de janeiro de 2008.

_____. **Plano Nacional de Educação**, Lei 13005. Brasília, 2014.

BOOTH, T. & AINSCOW, M. **Index para a inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido pelo LaPEADE, 2011.

BRAUN, P. **Análise quase experimental dos efeitos de um programa instrucional sobre autocontrole para professores da educação infantil e do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Pesquisa-ação: Aspectos Conceituais, Aplicação e Implicações sobre Educação Especial. In NUNES, R. P. (org) **Novas Trilhas no modo de fazer pesquisa em Educação Especial**. São Carlos: Maquezine & Manzini: ABPEE, 2014.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. 8. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

_____. **Educação Inclusiva: com os Pingos nos “IS”**. 10ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EFFGEN, Ariadna P.S. & ALMEIDA, M.L. Bases Teórico- Metodológicas sustentam nossas Propostas: Princípios para uma nova/ outra Prática Educativa. In Mariangela L.A., Ines de Oliveira Ramos (org.) **Diálogos sobre Práticas Pedagógicas Inclusivas**. - 1ª ed. Curitiba: Appris, 2012.

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: Historias e Políticas Públicas**, São Paulo: Cortez, 2011.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. **Inclusão e acessibilidade**. Marília: ABPEE, 2006.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa- ação**. São Paulo: Cortez, 1994.